
Responsabilidade

Parashat Noah | Porção “Noé” | Gn. 6:9-11:32

Autoria: Sha’ul Bensiyon

Encontrado em diversas fontes antigas, o Épico de Gilgamesh é uma história de grande importância arqueológica, pois narra um dilúvio na região do antigo Oriente Médio, tal como a própria Torá.

Acadêmicos geralmente concordam que ambas as narrativas se referem a um mesmo acontecimento histórico, derivado de uma mesma tradição oral. Gilgamesh é bem mais mitológico do que a história de Noah, que por sua vez apresenta o evento de forma bem mais simples. Porém, há outra diferença crucial.

No Épico de Gilgamesh, mais especificamente na Tábua XI do Enuma Elish, o ser humano é vítima de uma artimanha dos deuses, e só se salva do dilúvio por interferência de Ea, que adverte Gilgamesh sobre o artil dos demais deuses, permitindo assim que esse escape com vida.

Já na Torá, a responsabilidade pela destruição é do próprio ser humano. É ele que arruína a terra:

“E Elohim viu a terra e confirmou que estava arruinada; porque toda carne havia corrompido seu caminho sobre a terra.” (Gn. 6:12).

Em outras palavras, o homem não deixou escolha para o Eterno, que teve que mandar o dilúvio. A terra precisava ser limpada de toda a iniquidade antes que o ser humano pudesse novamente florescer.

Além disso, diferentemente de Gilgamesh, a misericórdia com Noah e sua família não provém unicamente do favor da divindade, mas de um misto da misericórdia do Criador e dos méritos de Noah, que andava em retidão.

Ou seja, apesar da Torá admitir a providência divina, espera também que o ser humano se responsabilize por seus atos.

A família sobrevivente não era apenas afortunada. O Eterno esperava que eles pudessem seguir em retidão. Infelizmente, como de costume, o ser humano acabou escolhendo seus próprios caminhos.